

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Kyanne Antônia Cardoso Netto

OS JOVENS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS DA EJA EXTERNA

Belo Horizonte

2019

Kyanne Antônia Cardoso Netto

OS JOVENS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS DA EJA EXTERNA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialização em Educação de Jovens e Adultos.

Orientadora: Prof. Dra. Vanessa Regina Eleutério Miranda

Belo Horizonte

2019

N476j
TCC

Netto, Kyanne Antônia Cardoso, 1992-
Os jovens sujeitos contemporâneos da EJA externa
[manuscrito] / Kyanne Antônia Cardoso Netto. - Belo Horizonte, 2019.
36 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Vanessa Regina Eleutério Miranda.

Bibliografia: f. 33.

Apêndices: f. 34-36.

1. Educação. 2. Educação de adultos. 3. Aprendizagem de
adultos. 4. Juventude -- Educação. 5. Jovens -- Direito à educação.
6. Educadores de adultos -- Formação. 7. Diversidade cultural.
8. Jovens -- Integração social.

I. Título. II. Miranda, Vanessa Regina Eleutério, 1971-.

III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 374

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO VIGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Os Jovens Sujeitos Contemporâneos da EJA Externa”, do(a) aluno(a) **Kyanne Antônia Cardoso Netto**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Vanessa Regina Eleutério Miranda (orientador) e Cláudia Regina dos Anjos. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 95, conceito 4. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Kyanne Antônia Cardoso Netto
Kyanne Antônia Cardoso Netto

Registro na UFMG: 2018750865

Vanessa Regina Eleutério Miranda
Vanessa Regina Eleutério Miranda
Professor(a) Orientador(a)

Cláudia Regina dos Anjos
Cláudia Regina dos Anjos
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Agradeço a Deus pela oportunidade de estar concluindo mais uma etapa da minha vida. Aos meus pais, pelo carinho e apoio. À Antonieta Viana e Isadora Bolina, minhas amigas e companheiras de educação, pelos conselhos. E não posso esquecer-me da minha querida orientadora Vanessa, por toda dedicação.

RESUMO

A pesquisa intitulada *Os jovens sujeitos contemporâneos da EJA Externa* - tem como objetivo central analisar como os jovens da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da turma Externa do Centro Cultural Maria Gorete se constroem como sujeitos da contemporaneidade. O estudo evidencia a realidade dos jovens presentes na EJA, destacando suas singularidades e como toda essa diversidade presente na sala de aula torna-se um problema a ser administrado pelo professor, que também precisa enfrentar a dificuldade da uni docência. Frente a essa realidade, é possível compreender também, como os jovens se apropriam da sociedade ante toda dificuldade e exclusão sociais enfrentadas e que, toda precariedade vivida por eles contribui fortemente para suas dificuldades de compreensão do mundo e até mesmo, aprisionamento do que poderiam ser melhores. Essa dificuldade perpassa, portanto, a realidade de vida dos jovens e a dificuldade dos professores em compreender todas essas dificuldades e em como lidar com as mesmas. Por isso, um plano de ação foi desenvolvido numa turma da EJA a fim de explorar e analisar os comportamentos dos jovens, suas falas e como se sentem na sociedade que vivem, identificando seus sonhos, desejos e anseios. Com isso, através do convívio com esses alunos, foi possível compreender que cada um teve e/ou continua tendo algum direito negado. Portanto, torna-se um desafio dos docentes que trabalha com os alunos da EJA, construir formas de aprendizagem que promova a interação entre os indivíduos da sala e os orienta a se reconhecerem como pessoas participativas e ativas de uma sociedade. Além disso, é necessário também, orientá-los a não serem meros executores, mas sim, seres que pensem e contribuem para o desenvolvimento social.

Palavras-Chave: Juventudes, Contemporaneidade, Diversidades.

ABSTRACT

The research entitled *The Contemporary Youth Subjects of External EJA* has as its central objective to analyze how the young people enrolled in the Youth and Adult Education (EJA) External class at the Maria Gorete Cultural Center construct themselves as subjects of contemporaneity. The study highlights the reality of the young people in EJA, emphasizing their singularities and how the diversity present in the classroom becomes a challenge to be managed by the teacher, who also faces the difficulty of being the sole educator. In light of this reality, it is also possible to understand how these young people engage with society despite the social difficulties and exclusion they face, and how the precarious conditions in which they live significantly contribute to their struggles in understanding the world and, at times, confine them from reaching their full potential. These difficulties stem not only from their life circumstances but also from the teachers' challenges in understanding and addressing them. Therefore, an action plan was developed within an EJA class to explore and analyze the behaviors of the youth, their speech, and how they perceive themselves in the society they live in—identifying their dreams, desires, and aspirations. Through direct engagement with these students, it became clear that each one has had and/or continues to have some of their rights denied. Thus, it becomes a challenge for educators working with EJA students to develop learning strategies that foster interaction among classroom participants and guide them to recognize themselves as active and engaged members of society. Moreover, it is necessary to guide them not to be mere executors, but individuals who think critically and contribute to social development.

Keywords: Youth, Contemporaneity, Diversity.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica
- CCMG – Centro Cultural Maria Gorete
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- EMCG – Escola Municipal Carlos Góis
- EMHR – Escola Municipal Honorina Rabello
- EMMAM – Escola Municipal Maria Assunção de Marco
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- PBH – Prefeitura de Belo Horizonte
- PPL – Pedreira Prado Lopes
- SMED – Secretaria Municipal de Educação
- UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
- UMEI – Unidade Municipal de Educação Infantil

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Sala de aula da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete.....19
- Figura 2 – Características masculinas e femininas e os padrões hierarquizados.....26

LISTA DE GRAFICOS

- Gráfico 1 – Percentual de alunos por gênero da EJA do Centro Cultural Maria Gorete.....15
- Gráfico 2 – Percentual de aluno por idade da EJA do Centro Cultural Maria Gorete.....15

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Diferenciação dos gêneros da EJA do Centro Cultural Maria Gorete.....26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
3 PLANO DE AÇÃO.....	13
4 DESENVOLVIMENTO.....	14
4.1 Quem são os sujeitos da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete?.....	14
4.2 A diversidade ao primeiro olhar.....	18
4.3 A uni docência e a motivação com os estudos.....	19
4.4 O papel da coordenação no clima em sala de aula.....	20
4.5 A construção do sujeito contemporâneo da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERENCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Sou Kyanne Antônia Cardoso Netto, atualmente tenho 27 anos de idade e iniciei minha jornada na Prefeitura de Belo Horizonte com apenas 19 anos como Agente de Informática, trabalhando na Escola Municipal Honorina Rabello (EMHR). Em 2013 passei no concurso para Auxiliar de Secretaria e esse foi o marco inicial da minha jornada na Administração Pública sendo lotada na Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) Carlos Prates Danielle Mitterrand com apenas 20 anos de idade. Graduei em julho de 2016 no curso de Administração pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e em setembro de 2018 concluí uma Pós-graduação em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de São João Del Rei. Este breve histórico acadêmico demonstra um pouco da minha ânsia por buscar informações e novos conhecimentos.

Trabalhei na UMEI Carlos Prates Danielle Mitterrand durante 5 (cinco) anos, e lá conheci pessoas, principalmente mulheres, que a partir de suas experiências e histórico de lutas, agregaram em minha vida, conhecimentos e informações, o que contribuiu fortemente para me transformar numa jovem apaixonada pela Educação. Essa realidade fez ampliar o meu desejo por buscar informações e descobrir novas ideias, principalmente na área da Educação, o que me fez chegar ao ponto de arriscar uma especialização na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sempre tive um sonho de estudar nessa renomada Universidade e hoje vejo que alcancei este objetivo, e estar estudando a Educação de Jovens e Adultos (EJA) me trouxe ao epicentro de minha formação pessoal adquirida na UMEI e que faz parte da minha essência, que é a politização de pessoas a partir de uma Educação Popular, baseada nas discussões e nos desafios do nosso cotidiano.

Atualmente sou Secretária da Escola Municipal Carlos Góis (EMCG), que está situada na região da Pedreira Prado Lopes (PPL) na cidade de Belo Horizonte. Inicialmente o meu projeto ocorreria nessa respectiva escola, tendo como tema de pesquisa “As mulheres da Alfabetização desvendando a EJA”, contudo, em 2019 a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) decidiu retirar as turmas da EJA da EMCG por motivos estratégicos e organizacionais, e com isso, fiquei sem ambiente para realizar o tema proposto. A retirada de turmas da EJA da EMCG gerou grandes transtornos aos estudantes, pois, obrigou-os a se deslocarem uma distância maior entre suas casas e a escola, colocando em risco suas vidas uma vez que, há disputa por territórios na comunidade. E essa triste realidade tem obrigado muitos estudantes a desistirem de prosseguir os estudos, e por ser uma comunidade bem carente e vulnerável, conclui-se que as ações governamentais prejudicaram a população que mora nas redondezas da EMCG.

Após esse longo processo de retirada das turmas da EJA da EMCG, dúvidas e incertezas permearam minha cabeça quanto ao local que realizaria o trabalho. Inicialmente, procurei a direção da agora “escola pólo da EJA” da PPL com o objetivo de apresentar meu projeto de pesquisa. Essa escola, localizada na parte baixa da Pedreira Prado Lopes, tornou-se a referência da EJA na região, graças às políticas públicas da PBH de centralizar essa modalidade educativa da EJA em apenas uma escola. Contudo, não consegui nem conversar com a direção dessa escola e diante todos esses problemas passados entre o ano de 2018 e 2019, resolvi mudar de tema e realizar outro tipo de pesquisa e em outra escola. Essa situação provocou um desgaste emocional e até mesmo uma desmotivação quanto à continuidade da especialização.

Porém, como sou muito insistente, na primeira aula de Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP) do curso de especialização da UFMG no ano de 2019, em conversa com os amigos de sala e a professora orientadora, foquei na escolha de um novo tema, e para não ter mais tantos desgastes físicos e até mesmo emocionais, procurei inicialmente identificar o local aonde faria a pesquisa e depois o novo problema de pesquisa a ser desvendado dentro de sala de aula da EJA. Com isso, decidi por fazer minha pesquisa na turma da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete (CCMG) da Escola Municipal Honorina Rabello, uma vez que, meu colega de sala é professor dessa turma e possuo muito carinho e afeto a essa escola, pois, foi lá que iniciei minha jornada na educação municipal de Belo Horizonte. Retornar a este ambiente, agora com o objetivo de realizar uma pesquisa de especialização para a UFMG foi uma grande satisfação.

Ante a essa realidade e focada em construir uma nova proposta de estudo, resolvi focar na Juventude da EJA e especialmente na Juvenilização dessa modalidade. Essa compreensão decorreu de relatos de colegas que estão dentro de sala de aula e destacam que muitos jovens de 15 a 18 anos, que não conseguiram concluir o ensino fundamental no período dito como “regular¹” pela Secretaria Municipal de Educação (SMED), teve como opção a migração para a EJA. Durante a pesquisa, ao adentrar na sala de aula da EJA externa, foi possível evidenciar conflitos, em especial o que envolve as gerações. Mas, quando aprofundi minha pesquisa, através de entrevistas e observações, identifiquei que os jovens de 15 a 30 anos de idade, possuem diferenças, principalmente no que tange ao fator gênero e suas compreensões de vida e planejamentos futuros. Além disso, como também sou definida como jovem, conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que diz que os jovens

¹ “Regular” é definido como as turmas de 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação e Belo Horizonte. Contudo, a EJA é uma modalidade de ensino regulamentada legalmente, mas, não possui esse reconhecimento.

possuem idades entre 15 a 30 anos, compreendi que, seria mais fácil explorar algo referente à juventude na área da educação.

Para esse projeto, resolvi por analisar no objetivo principal, como os jovens da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete se constroem como sujeitos da contemporaneidade. O foco central foi desdobrado em objetivos menores, que buscaram identificar o perfil dos jovens que frequentam a turma da EJA Externa, identificando as semelhanças e diferenças vividas por esses jovens e se essas diferenças e os possíveis conflitos dentro da sala de aula os desmotivam de estudar. Além disso, o trabalho buscou compreender também como e porque as diferenças de gênero interferem na motivação dos jovens a estudar. E por fim, como proposta principal, promover o bom convívio entre os jovens ante a diversidade enfrentada.

A pesquisa foi realizada na EMHR, que é uma instituição pública de ensino que pertence à Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, e faz parte da Regional Nordeste. Localizada no bairro Goiânia, foi inaugurada em 12 de dezembro de 1970 – como parte das festividades 73º aniversário de Belo Horizonte – e pelo Decreto Nº1.933, de 07 de dezembro de 1970, recebeu o nome de Grupo Escolar Honorina Rabello². À época, visava atender a demanda da comunidade local, conhecida como “Gorduras de Baixo”.

Atualmente, a EMHR atende à comunidade escolar do bairro Goiânia e adjacências, atuando na Educação Infantil e Ensino Fundamental. O Ensino Fundamental da EMHR trabalha com estudantes do 1º ciclo, que corresponde aos três primeiros anos (1º, 2º e 3º anos) e do 2º ciclo (4º, 5º e 6º anos). Na EJA, as turmas são de múltiplas idades, ou seja, compostas por adolescentes, jovens, adultos e idosos. Nessa modalidade educativa há dois tipos de agrupamentos: a **Alfabetização** que, como o próprio nome indica, destina-se aos estudantes não alfabetizados ou que estão no início do processo de alfabetização e a **Certificação** que engloba os estudantes alfabetizados, em processo de letramento ou já letrados³.

A EJA é uma modalidade educativa que se norteia pelo atendimento prioritário dos jovens, adultos e idosos que não conseguiram, pelos mais diversos motivos, permanecer no Ensino Fundamental ou frequentar a escola, sempre na perspectiva do direito à educação ao longo de toda a vida. Em consonância com as diretrizes da EJA e com o desejo de facilitar o

² Fonte disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/decreto/1970/194/1933/decreto-n-1933-1970-da-denominações-a-dez-novos-grupos-escolares-construidos-pela-prefeitura-1970-12-07-versao-original> > Acesso em: 13 de Set. 2019.

³ Normalmente são matriculadas na “Alfabetização” as pessoas que se auto declaram não alfabetizadas ou que não concluíram o 5º ano de escolarização, de acordo com a análise do histórico escolar. A “Certificação”, por sua vez, contempla os estudantes do 6º ao 9º ano de escolarização.

- A introdução desse trabalho e alguns trechos do seu desenvolvimento foram compartilhados com o trabalho do professor Claudio, aluno do LASEB – EJA e professor da turma da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete.

acesso dos seus sujeitos ao mundo escolar, garantindo o direito à educação por toda a vida, a PBH, através da SMED, implementou em 2005, o Projeto EJA-BH.

O Projeto EJA-BH foi um dos precursores da adoção das turmas externas na RME-BH. As salas de aula localizadas na Escola Estadual José de Alencar e no CCMG pertenciam ao referido projeto. No segundo semestre de 2010, as turmas localizadas nesses locais passaram a ficar sob a responsabilidade da Escola Municipal Maria da Assunção de Marco (EMMAM), localizada no bairro Goiânia e pertencente à Regional Nordeste. A partir de 2014, as mesmas turmas passaram a fazer parte do quadro da EMHR.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Leal (2017) analisa a história da educação brasileira e observa que há uma incapacidade do ensino de garantia simultânea do acesso, permanência e qualidade aos estudantes. Conforme Gomes (2007), ainda é necessário estudar os impactos do ensino noturno e das políticas públicas da EJA na construção de uma qualidade de ensino, avançando nas dimensões educativas dos projetos sociais e nas necessidades dos estudantes.

Dayrell (2007) explica que a EJA não é tratada como um ensino, uma vez que sua origem está travada à tradição do esquecimento e da falta de oportunidades. É uma modalidade que não se resume apenas à escolarização ou à transmissão de conteúdos, mas sim, a um processo de formação humana, uma vez que abrange sujeitos jovens e não apenas a alunos “(...) e mais: sujeitos que estão situados num determinado tempo da vida, possuindo assim especificidades próprias” (DAYRELL, 2007, p. 54).

Gomes (2007) também diz que, pensar na realidade da EJA hoje é pensar em jovens e adultos que vivem num processo de exclusão social. Essa exclusão ocorre devido a fatores sociais, raciais, sexuais, de gênero e também de políticas públicas. Também Arroyo (2007) afirma que:

Talvez a característica marcante do momento vivido na EJA seja a diversidade de tentativas de configurar sua especificidade. Um campo aberto a qualquer cultivo e semeadura será sempre indefinido e exposto a intervenções passageiras. Pode-se tornar um campo desprofissionalizado. De amadores. De campanhas e de apelos à boa vontade e à improvisação. Um olhar precipitado nos dirá que talvez tenha sido uma das marcas da história da EJA: indefinição, voluntarismo, campanhas emergenciais, soluções conjunturais. (ARROYO, 2007, p. 19-20).

Conforme Leão (2007), a diversidade é a marca registrada das turmas da EJA, e essa realidade requer um olhar e tratamento específico da sociedade com relação à como cuidar desses estudantes e em especial, os jovens, compreendendo como se sentem na

sociedade/mundo que vive. Conforme Chauí (2004), a pós-modernidade demonstra a importância da diferença. Ao invés de dividir a sociedade por classes “cada uma das quais com uma realidade e identidade definida pela economia e pela política e contrárias umas às outras ou em luta contínua” (CHAUI, 2004, p. 56), idealiza ao social “uma teia fragmentada de grupos que se diferenciam por etnia, gênero, religião, costumes, comportamentos, gostos e preferências.” (CHAUI, 2004, p. 56).

Uma das diversidades que tem se escandalizado na EJA chama-se “Juvenilização”. Essa “juvenilização” da EJA cresceu muito a partir da década de 90, e esse crescimento tem sido problematizado, principalmente devido à diversidade presente nas salas de aula. Segundo Silva e Bezerra (2018), os jovens primam à diversidade e a igualdade de direitos, e quando estão juntos de suas tribos e pares, buscam uma identidade juvenil para serem aceitos na sociedade. Elas afirmam também que, as fragilidades sociais, principalmente o desemprego, são fatores motivacionais que tem contribuído para o retorno desses jovens ao espaço escolar.

Contudo, o retrato da juvenilização do século XXI demonstra que a faixa etária dos jovens de 15 a 17 anos tem migrado forçosamente para a EJA devido às mudanças ocasionadas pelas políticas públicas, principalmente as que estão “(...) voltadas para as bases curriculares, reordenamento de turmas tendo como base a evasão, retenção e a escolha voluntária do aluno que opta por ingressar mais cedo no mercado de trabalho, tendo como consequência sua migração para o turno noturno.” (SILVA; BEZERRA, 2018, p. 2). Ou seja, as políticas públicas construídas em prol de favorecer o desenvolvimento de uma educação de qualidade não têm contribuído para o desenvolvimento pleno dos jovens nem da sociedade.

Dados da Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílio - Pnad (IBGE, 2011 apud TILLMANN, COMIM, 2016), revelam que 25% do total da população brasileira, ou seja, 49,1 milhões de pessoas são formadas por jovens entre 15 e 29 anos. Além disso, pesquisas do IBGE realizadas em 2019 revelam que o abandono escolar é oito vezes maior entre jovens pobres de 15 a 17 anos na comparação de estudantes de melhor renda. Portanto, a realidade demonstra que a juventude tem passado por dificuldades de inserção social no Brasil, e hoje, a promoção de uma vida digna aos jovens tornou-se um enorme desafio contemporâneo.

Portanto, para garantir a plenitude do direito aos cidadãos, as políticas públicas brasileiras trabalha a fim de promover o acesso universal das pessoas à “(...) educação, saúde, emprego etc. e também respeitar as diferenças. (...) Se não fizermos isso, estaremos ferindo princípios básicos democráticos” (GOMES, 2007, p.98). Contudo, esses direitos e mudanças, são marcadas por lentidão e dificuldades nas melhorias sociais, o que acarretou em 2018, conforme dados do IBGE, num aumento expressivo de jovens de 15 a 29 anos, que não estudam e nem trabalham, sendo chamados de jovens “nem-nem”.

Dayrell (2007) entende que não existe apenas uma juventude, e sim uma diversidade de juventudes que caracterizam a sociedade, e conhecer o significado de juventude analisando os jovens, é necessário que as escolas conheçam os jovens que nela estão inseridos. Contudo, a realidade tem-se mostrado o contrário, uma vez que as escolas mostram-se distantes dos interesses e necessidades dos jovens, estando na maioria das vezes, pouco sensíveis à realidade vivida pelos alunos fora do muro. Contudo, a mudança não se resume em introduzir expressões juvenis e nem em investir na profissionalização desses jovens. “O desafio que está posto é como introduzir as expressões culturais no currículo sem que as engessemos como disciplinas curriculares.” (DAYRELL, 2007, p. 64).

3 PLANO DE AÇÃO

O Centro Cultural Maria Gorete está bem localizado no bairro Maria Gorete. O prédio do CCMG possui dois pavimentos e as aulas são ministradas no andar térreo do edifício. Os estudantes, bem como os professores que atuam no local, têm acesso por um portão separado e no primeiro andar são realizadas atividades ofertadas pelo Centro Cultural como, por exemplo, aulas de canto e música.

O ambiente é limpo e com boa iluminação, a sala de aula é bem organizada, contudo, é muito pequena e quente. Além disso, o excesso de barulho que existe no espaço do Centro Cultural, devido às outras atividades que ocorrem nesse local durante a aula, acaba atrapalhando na concentração dos jovens.

Para desenvolver o presente projeto, foram realizadas ações que culminou em uma aula para os alunos da EJA Externa do CCMG. Durante o desenvolvimento do plano de ação foram utilizados recursos fotográficos e de vídeo (para registro da atividade), e para complementar, foi realizado observações dentro da sala de aula, com anotações no caderno de campo todos os pontos positivos e negativos ocorridos durante minha presença na sala. Além da observação, foi aplicado aos alunos um questionário de pesquisa que foi realizado em formato de entrevista. Ao realizar a entrevista com cada indivíduo, pude conhecer um pouco mais da realidade de cada um e construir novos olhares a partir daquilo que estava pesquisando.

Inicialmente, realizei o exercício de observação da sala utilizando três aulas para conhecimento inicial da turma. No meu quarto encontro com os alunos, realizei uma pequena entrevista com todos os alunos da sala, utilizando um questionário de pesquisa que se encontra no Anexo I desse trabalho.

Para finalizar, no quinto e último encontro, efetivei a aula desenvolvendo a dinâmica da Semelhança. Para essa aula, dividi a sala em 4 grupos sendo 2 de meninos e 2 de meninas. Entreguei a cada grupo uma folha de papel e lápis e pedi para que eles discutissem entre si as semelhanças que possuíam em relação aos seguintes assuntos: Quando está com o tempo livre o que mais gostam de fazer; Prefere gastar dinheiro com...?; Música que mais gostam de ouvir. Essas perguntas foram escolhidas a partir da necessidade de identificar como as características do mundo moderno contribuem para a construção de cada indivíduo, sendo pensadas com o propósito de contribuir para a construção da análise crítica da prática pedagógica na EJA. Ao final da discussão, cada equipe foi à frente para apresentar e compartilhar as semelhanças que descobriram com seus colegas, expondo como foi desenvolver a atividade.

Ao final da aula, foi declamado a poesia “Tu já é irmão!” escrita por Isabella Christi e que encontra-se no Anexo II desse trabalho. A própria autora foi à sala de aula nesse dia para declamar a poesia aos alunos e juntos, efetivamos uma avaliação poética, trazendo o tema do texto para a realidade dos jovens da turma da EJA.

Por fim, foi possível observar que, os alunos compreenderam que a diversidade de visão do mundo, ocorre também dentro da sala de aula e que, a partir do momento em que jovens, adultos, idosos, homens e mulheres, convivem no mesmo ambiente e estão juntos num mesmo contexto, faz-se necessário que todos se respeitem uns aos outros, para que juntos, possam tornar o ambiente escolar mais agradável possível.

Além disso, descobri que, trabalhar dentro da sala de aula, principalmente com a diversidade da “juvenilização” foi o maior dos desafios nesse projeto. Essa “juvenilização”, que aparentemente veio para ficar na EJA, precisa ser explorada, para que, seja proposta, práticas de ensino que respeite a diversidade e as novas formas de educação.

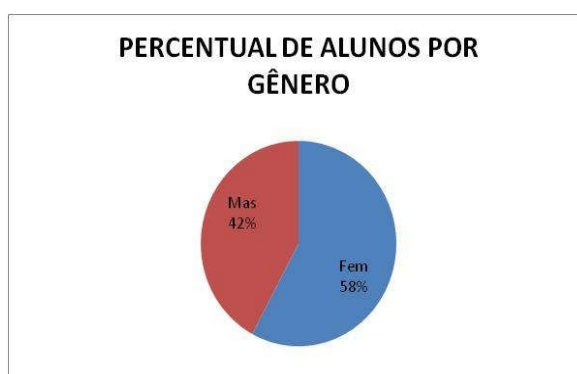
4 DESENVOLVIMENTO

4.1 Quem são os sujeitos da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete?

Considerada infundada a distinção entre sujeito e objeto, pois tanto as filosofias como as ciências são construções subjetivas de seus objetos, os quais só existem como resultado das operações teóricas e técnicas. Em outras palavras, o conhecimento não visa a uma realidade existente em si mesma e sim à invenção ou construção de objetos teóricos e técnicos. No caso da Filosofia, essa criação é feita por meio da linguagem, a qual, como na literatura, não diz o que as coisas são e sim cria coisas ao falar delas. No caso das ciências, essa criação é feita por meio de procedimentos de laboratório no qual os cientistas não observam realidades, mas as constroem. (CHAUI, 2004, p. 56).

Ao elaborar o questionário para os alunos da EJA externa do Centro Cultural Maria Gorete, tinha como proposta, explorar ainda mais o perfil da turma. O questionário, que se encontra no Anexo I desse trabalho, foi aplicado a todos os alunos da sala, mas o foco da pesquisa eram os jovens entre 15 a 30 anos. Ao todo, foram entrevistados 19 alunos sendo 11 meninas e oito meninos, o que representa a predominância do gênero feminino no contexto escolar da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete. Ao todo, 58% da turma é representada pelo gênero feminino e 42% pelo gênero masculino.

GRÁFICO 1 – PERCENTUAL DE ALUNOS POR GÊNERO DA EJA EXTERNA DO CENTRO CULTURAL MARIA GORETE



Fonte: Gráfico produzido pela própria autora

Do total de estudantes entrevistados da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete, 68% possuem entre 15 à 30 anos de idade. Além dos fatores sociais que dificultam a promoção dos jovens pobres, com baixa escolaridade e sem perspectiva de oportunidade futuras à contemporaneidade, dados revelam também que, “(...) no Brasil, 70% dos jovens que não trabalham e não estudam são mulheres, demonstrando a forte discrepância entre os sexos que existe nesse fenômeno.” (IBGE,2011; apud TILLMANN, COMIM, 2016, p.48).

GRÁFICO 2 – PERCENTUAL DE ALUNOS POR IDADE DA EJA EXTERNA DO CENTRO CULTURAL MARIA GORETE



Fonte: Gráfico produzido pela própria autora

Ao avaliar a amostra dos jovens da EJA externa do Centro Cultural Maria Gorete que possuem entre 15 e 30 anos, percebeu-se que 56% das estudantes do gênero feminino não trabalham. Em contrapartida, 75% dos estudantes do gênero masculino trabalham. Segundo Tillmann e Comim (2016), uma das justificativas para esse elevado percentual de mulheres que não trabalham envolve a inclusão delas nas tarefas domésticas como trabalho. Com isso, a contemporaneidade tem buscado incessantes instrumentos que ajudem essas jovens a conciliar suas tarefas domésticas com a escola e o mercado de trabalho.

O sexismo é justamente essa hierarquia entre valores, comportamentos e papéis, associados ao homem e à mulher. É o sexismo que naturaliza o fato de que homens possam ser astronautas, caminhoneiros ou pedreiros, e mulheres devem ser professoras, domésticas ou babás. É o sexismo que justifica que mulheres ganhem menos do que os homens, mesmo que exerçam a mesma atividade e tenham a mesma formação e preparo no exercício da mesma função. (NOGUEIRA, D'ANDREA, 2014, p. 23).

Essa diferença entre homem e mulher é tão presente na turma da EJA externa do Centro Cultural Maria Gorete que, ao questioná-los sobre o motivo de estarem frequentando a EJA já que, todos já haviam estudado em alguma época da vida, ficou evidente que há um desinteresse maior das meninas pelos estudos. Isso ficou evidente à medida que três delas responderam que possuem desmotivação e desinteresse em estudar e, ao questioná-las sobre o motivo por terem abandonado os estudos, todas elas responderam que não quiseram prosseguir os estudos. Apenas uma precisou abandonar os estudos por motivo de gravidez e outra por motivo de trabalho. Para os meninos, dois deles disseram que precisaram abandonar os estudos por motivo de a escola ser longe de sua residência. Ao questioná-los sobre o motivo de não estudar próximo de casa, todos disseram que ao procurarem vaga na escola perto de casa, era informado a eles que não havia vaga. Ante a realidade vivida por esses jovens, qual é a ação/participação dos poderes públicos na formação deles enquanto cidadãos, à medida que negam seus direitos?

Conforme Monteiro (2013), a visão moderna capitalista considera a juventude como um período de formação educacional e profissional, contudo, a realidade mostra que uma parcela grandiosa dos jovens encontra-se afastados das escolas e do mercado de trabalho. Além disso, dados revelam que a condição “Nem-nem” (Nem estuda, nem trabalha), encontra-se predominante nas jovens mulheres que possuem baixa escolaridade e renda. De todas as características individuais observadas, a que mais influencia na possibilidade de um jovem ser “Nem-nem” é a escolaridade. Contudo, a sociedade e as próprias políticas públicas

demonstram práticas ineficientes quanto à inserção e manutenção dos jovens na escola e para educação na sociedade.

Essa influência dos anos de estudo na condição Nem-nem é menor para os homens do que para as mulheres. A escolaridade é especialmente importante para a atividade dos homens pouco escolarizados, o que sugere que sua influência é muito mais importante para níveis educacionais mais baixos. (MONTEIRO, 2013, p. 10).

Quando questionei se os atritos, discussões, problemas que ocorrem entre eles dentro de sala de aula os desmotivam com os estudos, 12 jovens responderam que não, pois isso não importa pra eles uma vez que, eles estão concentrados com os estudos. Apenas um disse que sim, que os atritos que ocorrem na sala de aula o desmotiva com os estudos, e justificou que isso causa desconcentração durante a aula. Portanto, a maioria dos jovens não se desmotiva por causa dos problemas internos na sala, porém, ficou evidente na pesquisa que, fatores externos (problemas familiares, emprego, relacionamentos conjugais, gravidez, falta de motivação) influenciam diretamente na sua permanência nos estudos.

A maioria dos estudantes da EJA do CCMG abandonou os estudos quando estudavam, por algum dos motivos anteriormente descrito. O que se enxerga na sociedade brasileira são homens e mulheres marcados por experiências que contribuíram para sua não permanência nas escolas devido a necessidade de trabalhar, ou pelo motivo de que o aprendizado não precisa ser repassado às mulheres ou até mesmo por causa de uma seletividade construída internamente nas escolas (MOLL, 2004).

Ao questioná-los se após concluir a EJA eles se sentiam preparados para o mercado de trabalho, mundo, sociedade, todos, sem exceção, afirmaram que sim. Contudo, a escolarização é interpretada de modo diferente entre os gêneros. Todos os jovens do sexo masculino consideram a escolarização como o caminho para adquirir um emprego melhor e uma estabilidade financeira, o que deixa em evidência que, eles esperam encontrar na educação a fórmula de progressão na sociedade capitalista. Já a maioria das jovens do sexo feminino considera a escolarização apenas o meio de adquirir mais conhecimentos, não correlacionando diretamente o que elas aprendem na escola com algum objetivo capitalista de adquirir bens ou interação social. Conforme Moll (2004), os jovens procuram a EJA com o objetivo de obterem conhecimento e informação para se adaptarem a uma sociedade que se autodenomina letrada. Esse mito do mundo moderno sustenta a idéia de superioridade daqueles que detêm saberes em relação aos outros no mundo da escrita. “Por este efeito de discurso (ou discurso de efeito) tem produzido historicamente uma espécie de *apartheid* em relação aos milhões enquadrados nesta perspectiva.” (MOLL, 2004, p. 11).

“Qual a relação entre os valores do indivíduo na construção de sua participação no mundo atual e naquele que ele parece prevalecer para o futuro?” (CAPORALI, 2011, p. 148). Conforme Caporali (2011), cada momento histórico promove oportunidades e valores, e os indivíduos que ali se encontram nessa sociedade busca incessantemente adaptação a este determinado momento histórico.

4.2 A diversidade ao primeiro olhar

Buscando ser reconhecida na sua diversidade, a juventude, cada vez mais, expressa sua indignação às imposições e aos modelos pré-formulados, gerados pelo poder, para amenizar as situações adversas nascidas da violência, da exclusão, da desinformação, contrapartida das medidas e ética patrocinadas pelos governos neoliberais. (SILVA; BEZERRA, 2018, p. 4).

Na visita realizada no dia 25/03/2019 na turma da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete, realizei algumas observações do meu objeto de estudo. Essa turma da EJA Externa, que é classificada como de Certificação, está composta por estudantes que precisam ser alfabetizados, e por estudantes que estão no nível intermediário e avançado de conclusão do Ensino Fundamental. Nesse dia, apresentei-me à turma e todos foram muito receptivos quanto à minha chegada demonstrando-se bem interessados quanto ao tema que será trabalhado com eles nos próximos dias.

A turma é bem diversificada e é visível essa divisão dentro da sala de aula quando envolvem a posição dos estudantes, em especial os jovens. Conforme Silva e Bezerra (2018) os jovens normalmente procuram suas tribos e pares para construir sua identidade juvenil. Com isso, foi possível observar que, de um lado tem-se a maioria dos jovens adolescentes (de 15 a 18 anos) e do lado da janela, que é o outro lado da sala, os adultos (de 31 a 60 anos); no meio da sala estão localizados os jovens de 19 até 30 anos de idade. O professor disse que um dos motivos observado por ele para essa divisão envolve a localização da janela, uma vez que os alunos mais velhos preferem sentar-se perto da janela devido à ventilação.

Conforme Silva e Bezerra (2018), a juvenilização da EJA cresceu muito a partir da década de 90, e um dos maiores problemas está na diversidade de: gênero, cor e idade, presentes nas salas de aula. A turma da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete demonstra muito bem essa realidade. Com 24 estudantes matriculados, no dia da visita, apenas 18 estavam presentes (segundo o professor da turma, essa é a média de presença na classe). Durante a aula, ficou perceptível que os jovens entre 15 e 18 anos não são tão participativos na aula (esses que se assentavam no canto da sala que não tinha janela e não paravam de conversar enquanto faziam a atividade, riam e se divertiam muito com algo que não soube identificar o que era), contudo não é a regra.

Os jovens em geral possuem como problema a indisciplina, a falta de respeito com relação aos seus pares e os professores. Além disso, a falta de compromisso e a forma de vestir são alguns dos motivos para conflitos devido ao padrão rígido definido pelas escolas e sociedade (DAYRELL, 2007).

Já os jovens que aparentemente possuem entre 19 e 30 anos terminaram o exercício proposto pelo professor e ainda ajudaram os colegas que tiveram algum tipo de dificuldade. É necessário levar em consideração que, a estudante mais velha da turma, que tem 66 anos de idade, se assenta bem no meio dos jovens e o mais interessante é que essa senhora está estudando por um sonho: recuperar o certificado que perdeu quando era jovem.

Silva e Bezerra (2018) interpreta a juventude como algo que não está diretamente ligada à fatores cronológicos e à idades. Para elas, cada idade possui sua própria juventude, e a condição de juventude na atualidade necessita de diálogo e articulações para a promoção de idéias e oportunidades ante a diversidade.

**FIGURA 1 – SALA DE AULA DA EJA EXTERNA
CENTRO CULTURAL MARIA GORETE**



Fonte: Foto retirada pela própria autora do trabalho.

4.3 A uni docência e a motivação com os estudos

Na observação realizada no dia 25/03/2019, reparei que todos os alunos sabem ler e escrever, contudo alguns possuem dificuldades de interpretação. Enquanto o professor aplicava a atividade desenvolvida para a aula, as alunas mais velhas (31 a 60 anos) apresentavam muita dificuldade em desenvolvê-las. Devido a essas dificuldades, uma delas pediu ajuda aos colegas, uma vez que o professor já havia lhe ajudado, mas não poderia ficar por conta dela para ensinar, já que, havia outros presentes com dificuldades. A sala de aula, conforme Leão (2007) é considerada o local em que as pessoas se reúnem para adquirir novos

conhecimentos e também “(...) um espaço onde pessoas se encontram e produzem relações sociais.” (LEÃO, 2007, p. 77).

A uni docência na sala de aula da EJA externa CCMG é um problema tanto para os alunos quanto para o professor da turma. Segundo relatos do professor, são enormes seus desafios com a uni docência visto que é necessário preparar o material para as oito disciplinas comuns – Arte, Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa, Matemática e Educação Física – e mais duas da grade diversificada – Língua Estrangeira Moderna (Inglês) e Literatura. Além disso, ele necessita adequar toda essa gama de assuntos para serem abordados com os estudantes durante os quatro dias letivos semanais (de segunda à quinta-feira), contudo, na maioria das vezes o tempo é muito exíguo para o tanto de disciplina o que é agravado ainda mais pelos projetos e excursões das quais a escola participa durante o ano.

Fazer-se professor de adultos implica postura para uma sensível escuta cotidiana como também ara uma ampliação do olhar. (...) Fazer-se professor ou professora de adultos implica empreender trajetórias que se enveredem pela razão sensível que, compreendendo e explicando o mundo com seus condicionantes históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais, permita que a singularidade das histórias humanas se explicitem no espaço da sala de aula para que cada um, se dizendo, possa dizer seu mundo. (MOLL, 2004, p. 17).

Portanto, creio que a uni docência não seja um modelo motivacional aos alunos e nem ao professor que rege as turmas da EJA. As dificuldades dos alunos adultos e idosos em acompanhar as disciplinas da EJA nas turmas de uni docência promovem uma desmotivação deles com os estudos. O professor dessa turma relata que uma aluna mais velha apresenta muita dificuldade em realizar as atividades e já desistiram da EJA inúmeras vezes. Segundo ele, essa aluna voltou a frequentar as aulas novamente esse ano e torce para que ela permaneça e se certifique. Além disso, a uni docência é também um problema para o professor, pois ao ter que se desdobrar para atender toda a demanda de conteúdo a ser ofertado aos alunos, muitas vezes se perde na real necessidade de que aqueles alunos demandam.

4.4 O papel da coordenação no clima em sala de aula

É comum também entre os professores o estereótipo das gerações atuais como desinteressadas pelo contexto social, individualistas e alienadas, numa tendência de compará-las às gerações anteriores, mitificadas como gerações mais comprometidas e generosas (DAYRELL, 2007, p. 54).

No dia 09/04/2019, realizei outra visita na sala de aula da EJA externa, antes mesmo de efetivar a atividade com os alunos. O motivo dessa visita ocorreu, pois, o professor da turma me disse que a coordenadora da escola estaria na sala da EJA Externa do Centro

Cultural Maria Gorete nesse dia para realizar uma conversa com os estudantes a respeito de conflitos ocorridos entre os jovens adolescentes de 15 a 18 anos e as estudantes mais velhas da sala. Segundo ele, nos dias que se seguiram após minha primeira presença na sala, ocorreram atritos entre os jovens que possuem 15 anos e que se assentam no canto que não possui janela da sala. Uma das estudantes reclamou com ele que esses jovens de 15 anos estavam importunando a aula com conversas paralelas e risos, e ela estava achando que eles estavam falando dela.

Inicialmente a coordenadora se apresentou aos alunos (isso foi um ponto interessante, pois devido à distância da escola pólo para a turma da EJA externa, essa era a primeira vez que os alunos estavam conhecendo a coordenadora). Nesse diálogo, a coordenadora explicou que o espaço em que a sala EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete está localizada é um empréstimo. Segundo ela, os cuidados com aquele local precisam ser redobrados, e que tanto os alunos quanto os profissionais que ali trabalham precisam ter o cuidado e zelo pelo local. Ela explicou aos alunos que, se esses problemas chegassem aos ouvidos dos coordenadores do espaço, aos estudantes correriam um grande risco de perder a sala, e o prejuízo dessa perda seria imensurável uma vez que foi uma grande luta para conquistar aquele espaço.

Logo após, a coordenadora solicitou para que os dois jovens, que são uma menina e um menino, ambos com idade entre 15 e 18 anos, fossem conversar com ela numa sala separada. Durante a conversa ela perguntou se o casal de jovens estava namorando e eles afirmaram que não. Após essa pergunta ela voltou a afirmar da necessidade do cuidado de todos com o espaço, e que dentro de sala de aula eles precisam manter a ordem e que a conversa paralela precisa ser evitada. Disse que o problema relatado pelas outras alunas envolve “fofocas” e que é necessário que todos se respeitem. Após isso, eles tiveram a fala, e relataram que estavam falando dessas alunas, pois elas também estavam falando deles, e que ante essa situação “não levariam desaforo pra casa”. A coordenadora explicou que esse tipo de situação não deveria mais acontecer e que o convívio entre todos os alunos na sala da EJA Externa precisa ser muito bom, uma vez que a sala é pequena e apenas eles estão estudando naquele espaço. A única solução para o conflito, se os dois não colaborassem, seria trocá-los de turma e levá-los para a sede. Ante essa situação, os jovens se propuseram a evitar ao máximo esses conflitos e que colaborariam para manter a ordem na sala e havendo qualquer problema, comentaria com o professor. A conversa com os dois jovens durou em média uns 30 minutos e ao terminar eles foram para o intervalo.

Dayrell (2007) propõem ampliar a reflexão ante as demandas dos jovens com a sua realidade. Eles demandam mais do que a escolarização, eles necessitam de políticas públicas

que contemple e contribua para a construção de suas dimensões. Mesmo sabendo dos limites da escola, a proposta pedagógica da escola precisa pensar nos jovens e nas suas condições humanas, compreendendo amplamente o que venha ser jovem. Leão (2007) complementa que:

Podemos dizer que varias transformações nas sociedades contemporâneas imprimem mudanças no modo de viver a juventude em relação às gerações passadas, conformando uma nova condição juvenil. Para as gerações passadas, a experiência da juventude estava centrada na idéia de sua incorporação à vida adulta, na aprendizagem de novos papéis e na aquisição da experiência a cargo de algumas instituições de socialização. Hoje a juventude passa a ser, cada vez mais, um tempo de afirmação, de liberdade em relação às responsabilidades sociais e de ampliar os universos, as referências e os contatos com outros jovens. (LEÃO, 2007, p. 73).

A compreensão do que é bom ou mau, e justo ou injusto, é definido por Chauí (2004) como cultura, ou seja, uma criação coletiva de símbolos, idéias e valores pela sociedade para si mesma.

Ao fim do intervalo, a coordenadora chamou o outro grupo que reclamou desses alunos para conversar. Composto por seis alunas, sendo cinco com idade entre 15 e 30 anos de idade e uma senhora que tem a idade entre 31 e 45 anos, o grupo se assentou com a coordenadora e o professor para conversarem sobre a situação. A coordenadora disse as mesmas coisas que falou com os outros dois jovens com as alunas, e pediu para que todos se respeitassem dentro de sala de aula. Pediu a elas para que evitassem ficar conversando sobre os outros alunos dentro de sala de aula. Ao tocar nesse ponto, elas disseram que eram eles quem ficava falando delas antes e que também “não levariam desaforo para casa”. Todas elas afirmaram que estavam lá para estudar e que após a longa jornada de trabalho que a maioria delas teve, elas não estavam na escola para brincar. A coordenadora pediu para que elas evitassem qualquer tipo de conflito dentro de sala de aula e principalmente as “fofocas”. Qualquer situação que elas se sentirem incomodadas, comunicar ao professor para que ele mesmo tome as decisões.

Ao final da conversa com as alunas, a coordenadora se reuniu com o professor e concluiu que o problema da sala de aula estava com o casal com idade entre 15 e 18 anos e que eles não estavam se adaptando à realidade da sala. Sugeriu a ele para que mapeasse a sala afastando um do outro e que em ultimo caso, se não resolvesse, chamaria seus pais. Pediu que inicialmente observasse essa situação e que em qualquer caso, a chamasse novamente que ela voltaria para uma nova conversa.

Segundo Leão (2007), os conflitos da juventude formulam-se numa construção histórica que se baseia em transformações econômicas e sociais, características da modernidade. A sociedade “moderna” idealiza os jovens como agentes transformadores e

grandes consumidores, e cobram deles essa imagem como se fosse o modelo correto e orientador para a construção de um futuro: o sucesso na vida adulta. Esse senso comum conduz a interpretação de que, os jovens que não se formulam como padrão dessa sociedade “moderna”, são considerados como indeterminados e que constantemente passam por crises de identidade e valores, assumindo, portanto, uma característica negativa que os marcam como rebeldes. “Esse poder social invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos foi chamado por Marx de ideologia” (CHAUI, 2004, p. 53).

Conforme Chauí (2004), a modernidade permeou pela sociedade pelos meados do século XVIII até os anos 1980. Após 1980, o pensamento pós-moderno tomou força e passou a criticar as idéias modernas. Segundo ela, o pensamento pós-moderno considera infundado e ilusório a modernidade, sendo considerado apenas um disfarce para a dominação sobre os homens. “(...) o conhecimento não se define por procedimentos articulados à distinção entre a verdade e a falsidade e sim pelos critérios da utilidade e da eficácia (...)” (CHAUI, 2004, p. 56).

Já Dayrell (2007) propõem ampliar a reflexão ante as demandas dos jovens com a sua realidade. Eles demandam muito mais do que a escolarização, eles necessitam de políticas públicas que contemple e contribua para a construção de suas dimensões. Mesmo sabendo dos limites da escola, a proposta pedagógica da escola precisa pensar nos jovens e nas suas condições humanas, compreendendo amplamente o que venha ser jovem.

4.5 A construção do sujeito contemporâneo da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete

No dia 09/07/2019, estive novamente na sala da EJA externa do Centro Cultural Maria Gorete para desenvolver uma atividade com os alunos. A proposta inicial era de trabalhar com atividades que contribuíssem na melhoria do clima da sala além de proporcionar oportunidades aos alunos de se conhecerem melhor, mostrando que, mesmo havendo diferenças, principalmente entre gêneros, idade, raça/cor, faz-se necessário o respeito entre cada um.

O principal problema enfrentado ao desenvolver a atividade nesse dia foi que, por ser final de semestre, alguns dos estudantes já não estavam indo à aula, contudo, 13 estudantes estiveram presentes nesse dia, sendo seis meninas e sete meninos. Iniciei a atividade com eles as 18h30min em ponto, tendo presente apenas sete estudantes em sala. Com a sala organizada em círculo, à medida que eles iam chegando e notando a diferença na organização do espaço, já havia o estranhamento e comentários entre eles. O objetivo ao organizar a sala em círculo estava em promover o diálogo e o estímulo das observações dos estudantes. Foi interessante

que, mesmo sem querer, o círculo já estava bem dividido entre menino e menina, o que demonstra que ante a instabilidade de uma padronização, as pessoas procuram seus pares de gênero para readaptação. “Em meio a mudanças, turbulências e incertezas, as pessoas precisam de âncoras nas quais possam se agarrar.” (BATEMAN, SNELL, 2012, p. 339).

Inicialmente executei uma atividade de apresentação deles ao grupo, mas de uma forma bem lúdica e interativa, estimulando o corpo e os movimentos. A apresentação ocorreu da seguinte forma: a medida que um se apresentava com seu nome, deveria também realizar um movimento com o corpo, em resposta, todos os outros deveriam cumprimentar quem se apresentou realizando o mesmo movimento feito. Por ser uma atividade bem diferente da que esses alunos desenvolvem dentro de sala de aula em sua rotina foi possível observar que a maioria não se sentiu a vontade para executar, demonstrando muita timidez. “As pessoas precisam estar motivadas para as mudanças, mas muitas vezes resistem a elas.” (BATEMAN, SNELL, 2012, p. 334). E conforme Bateman e Snell (2012), a motivação das pessoas para as mudanças acontecerá a partir do destravamento, da movimentação para se instituir a mudança e do retravamento. No destravamento, elas precisam reconhecer que se tornou obsoleto os modos antigos de pensar, sentir e agir, sendo necessário um vigor novo no comportamento para alcançar novos objetivos. A etapa da movimentação para instituir a mudança se trata da visão para onde as pessoas serão encaminhadas, podendo ser realizada de forma estratégica e estrutural, compreendendo as culturas e a individualidade de cada ser. Já o retravamento compreende o reforço dos novos comportamentos interpessoais que se difundem e estabilizam em toda a empresa.

Ao final da apresentação, iniciei a atividade da semelhança com eles, dando as orientações iniciais e esclarecendo dúvidas que fossem surgindo. Dividi a sala em quatro grupos, sendo dois de meninas e dois de meninos. Escrevi no quadro três perguntas que deveriam ser discutidas entre membros dos grupos até que chegassem num consenso, definindo o que eles teriam de semelhante naquela pergunta.

Como observadora, percebi que as meninas gastaram mais tempo para definir o que tinham em comum, já os meninos foram mais rápidos e objetivos ao escreverem e também ao apresentarem o que haviam discutido. “Ao longo da história, diferentes comportamentos e posturas foram tidos como adequados ou esperados de homens ou mulheres. Algumas justificativas para essas expectativas baseiam, exclusivamente, em questões biológicas.” (NOGUEIRA, D’ANDREA, 2014, p. 16).

Nogueira e D’Andrea (2014), avaliam as relações de gênero e explicam que a palavra *gênero*, dentro de uma cultura, é especificamente o reconhecimento de ser homem ou mulher numa dada sociedade. Portanto, consideram que ser homem ou mulher depende de fatores,

tais como, lugar e época, além dos valores sociais que guiam os indivíduos. Com isso, a relação de gênero é considerada uma construção de feminino e masculino, e o mesmo ocorrem de forma interdependente, mas relacionada. Já a característica biológica de um ser é definida como sexo.

Foi visível também que, durante o desenvolvimento dessa atividade, os alunos da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete se conheceram melhor, o que lhes permitiram fazer descobertas que nem imaginavam, a respeito dos seus colegas. Durante a apresentação do que eles discutiram na conversa em grupo, foi possível ouvir risos e brincadeiras do que eles iam falando, e tudo o que eles definiram em grupo foi algo que todos realmente gostavam.

“De maneira geral, a relação da juventude pobre com a escola é ambígua, marcada pela tensão e pelo desânimo, mas também pela sua valorização como espaço de sociabilidade e de crescimento pessoal” (LEÃO, 2007, p.75). Portanto, faz-se necessária compreensão do que os jovens possuem da vida e quais são as suas experiências escolares, enquanto perspectivas e escolhas para sua construção social e perspectivas de futuro.

Quando lhes questionei a respeito das dificuldades enfrentadas quanto ao desenvolvimento da atividade, todos disseram que não foi algo difícil, uma vez que, os gostos deles são bem parecidos, o que deixa evidente que nem mesmo o fator idade interfere nas semelhanças e diferenças dos gêneros. Segundo Leão (2007), regras claras e uma visão da real democracia nas escolas contribuem para a construção e valorização dos jovens pelo que eles possuem no ambiente escolar, além de produzirem experiências prazerosas que contribui para sua formação enquanto cidadãos. Portanto, incorporar aos jovens conceitos e compreensões do que eles são e representam na sociedade, conduz aos mesmos à ciência do que aprendem em sala de aula e no que utilizarão na vida.

Fui anotando tudo que eles iam dizendo a respeito das semelhanças, dividindo em grupos de meninos e meninas. Ficaram evidente semelhanças entre os grupos de meninos e os de meninas, o que demonstra que os gostos são bem peculiares. Contudo, há grandes diferenças entre os gêneros, principalmente no que tange o assunto “Quando estou com tempo livre o que mais gosto de fazer?”, não tendo semelhança alguma entre os gêneros.

QUADRO 1 – DIFERENCIAÇÃO DOS GÊNEROS DA EJA DO CENTRO CULTURAL MARIA GORETE

Perguntas	Meninos	Meninas
Quando estou com tempo livre o que mais gosto de fazer?	Jogar bola e jogos virtuais, soltar papagaio, fazer churrasco, assistir séries.	Dormir, ler livros, passear.
Prefiro gastar dinheiro com...	Bebida alcoólica, roupa, comida, perfume, papagaio.	Dívidas, roupa, sapato, comida.
Música que mais gosto de ouvir?	Funk, MTG, Hungria, Gospel, Raça Negra, Samba, Sertanejo, Racionais, Legião Urbana, Forro, Poesia Acústica.	Sertanejo, pagode,samba (todos os tipos de músicas).

Fonte: Produção da Própria Autora – **Grifo nosso.**

É possível observar que as meninas possuem mais hábito ficar dentro de casa, uma vez que todas elas quando tem o tempo livre preferem dormir ou ler, já os meninos, que devem ter uma rotina mais movimentada, quando estão com o tempo livre, possuem hábitos externos, e preferem executar atividades de lazer. Segundo Nogueira e D’Andrea (2014), o que se observa é um bombardeio pela mídia de mensagens que alimenta e estereotipa o masculino e o feminino, o que reafirma o preconceito e as desigualdades. E o que se observa é uma hierarquia dos padrões culturais, e a concepção de que um é representado negativamente pelo outro.

FIGURA 2 – CARACTERÍSTICAS MASCULINAS E FEMININAS E OS PADRÕES HIERARQUIZADOS



Fonte: Juventudes, Sexualidades e Relações de Gênero – p. 22

Esse espelho de opostos entre homens e mulheres, ao ser construído por Nogueira e D'Andrea (2014), revela uma polaridade em que eleva ao masculino o prestígio e o poder, enquanto às mulheres, se oferta características que são desvalorizadas tradicionalmente.

As diferenças e semelhanças ajudam a construir o ambiente de sala de aula propício a novas descobertas e interações, e tudo isso colabora para a não rotulação de seus membros. Contudo, a geração juvenil traz, além das diferenças e semelhanças, cicatrizes que são marcadas pelos problemas sociais e que interferem diretamente no desenvolvimento dessas juventudes. A maioria desses jovens, são rotulados pela sociedade capitalista e meritocrática, que os definem como mãos de obras e seres a serem consumidores, não compreendendo realmente a realidade que perpassa suas origens e sonhos (MIZUKAMI, 1986).

Para finalizar a aula, foi declamada a poesia “Tu já é, irmão!” pela própria autora do poema (que também é moradora das proximidades do Centro Cultural Maria Gorete), sendo possível perceber o envolvimento e concentração dos alunos enquanto era realizada a leitura. Logo após, promoveu-se uma discussão com o que eles haviam escutado e aprendido após a leitura e o contato com a atividade realizada. O mais belo a ser visto foi que, uma das alunas mais velhas e que tem filhos jovens disse que após essa aula ela conseguia enxergar as especificidades da juventude e que não há a rebeldia e sim, formas de eles se posicionarem no mundo/sociedade. Outros adultos também disseram que, o que aqueles jovens da sala de aula representam hoje é espelho do que eles foram quando jovens também. Com isso, houve a compreensão de todos quanto ao papel da juventude na EJA e da necessidade de convivência e compreensão entre todos os indivíduos.

“A participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura, na história, se faz na medida de sua conscientização, a qual implica a desmistificação. O opressor mitifica a realidade e o oprimido a capta de maneira mítica e não crítica.” (MIZUKAMI, 1986, p. 88). Conforme Mizukami (1986), a realidade demonstra que, a sociedade tem se tornado mais rigorosa ante sua ética, contudo, não disponibiliza e formaliza claramente a moral desejada. O processo de civilização/modernização tem tornado quase tudo mercantilizável naturalizando o ganhar sempre mais e o consumismo, como o turbilhão da civilização. Contudo, a libertação crítica das pessoas, principalmente dos jovens da EJA, ocorrerá pela prática pessoal e não apenas na construção mercantilista e conservador que o capitalismo agrega à sociedade (e em alguns casos envolvem práticas pedagógicas restritas).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a Educação de Jovens e Adultos é necessário entender inicialmente a diversidade de gênero, cor, idade e até mesmo de escolaridade, que se encontram presentes nas salas de aulas, principalmente nas turmas de uni docência. Foi possível observar na turma da EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete todas as diversidades acima descritas, e também, compreender como há uma busca incessante, principalmente dos jovens, em mostrar à sociedade como vivem e sobrevivem “*os diferentes*” ante as imposições pré-formuladas da sociedade.

Segundo Leão (2007), os conflitos da juventude formulam-se numa construção histórica que se baseia em transformações econômicas e sociais, características da modernidade. A sociedade “*moderna*” idealiza os jovens como agentes transformadores e grandes consumidores, e cobram deles essa imagem como se fosse o modelo correto e orientador para a construção de um futuro que seja marcado pelo sucesso na vida adulta. “Esse poder social invisível que nos força a pensar como pensamos e agir como agimos foi chamado por Marx de ideologia” (CHAUI, 2004, p. 53).

Contudo, o que se observa é que os jovens de hoje possuem pensamento pós-moderno crítico as idéias modernas, mas esse pensamento encontra-se ainda superficial à dimensão que esses jovens podem transformar enquanto sujeitos contemporâneos. O pensamento pós-moderno considera infundado e ilusório a modernidade, sendo apenas um disfarce para a dominação sobre os homens. E a realidade da maioria desses jovens demonstra que eles nasceram e vivenciaram a violência, a desinformação e a exclusão, construída e alimentada por governos neoliberais MODERNOS (SILVA; BEZERRA, 2018).

Ao adentrar diante toda essa realidade, os professores das turmas da EJA necessitam superar os grandes desafios presentes nas salas de aula (principalmente com a uni docência), além de entender todas as trajetórias dos seus alunos. Portanto, compreender todos os fatores históricos e sociais, econômicos e políticos, que permeiam no espaço da sala de aula e especificamente em cada indivíduo que se encontra naquele espaço, tornou-se o principal desafio dos docentes e a pauta essencial para a construção de políticas públicas eficientes (MOLL, 2004).

Portanto, como as pessoas são impactadas pela sociedade para a construção de sujeitos? Por que os jovens ainda são vistos como “*atoas*” que não gostam de trabalhar e/ou estudar? Sabe-se que há diversos homens, tempos, espaços e construção cultural, que aliena e formula a construção de uma sociedade considerada “*certa*”. Contudo, é papel da educação não apenas moldar os homens para pertencerem a essa sociedade, mas sim, estimulá-los a

serem cidadãos críticos, livres de opiniões e que reconheça e valorize as diferenças (MIZUKAMI, 1986).

É importante ressaltar que o presente projeto de pesquisa teve como objetivo geral analisar como os jovens da EJA Externa se constroem como sujeitos da contemporaneidade. E para alcançar esse objetivo geral, faz-se necessário antes de tudo, a partir dos objetivos específicos: identificar o perfil dos jovens que frequentam a turma da EJA externa; especificar as semelhanças e diferenças vividas pelos(as) jovens; identificar se as diferenças e os possíveis conflitos dentro da sala de aula desmotivam os jovens a estudar; compreender como e por que as diferença de gênero interfere na motivação dos jovens a estudar e por fim, promover um bom convívio entre os jovens ante a diversidade enfrentada.

Portanto, a partir do contato realizado com os estudantes foi possível relacionar os jovens e adultos identificando entre eles os “*rostos diferentes.../Sonhos, histórias, emoções, inspirações...*”. Com isso, ao confrontar o perfil dos jovens que frequentam a EJA Externa do Centro Cultural Maria Gorete foi possível identificar a diversidade na primeira visita. Além de ser observada a grande diferença existente entre os estudantes no que compreende a idade (13 alunos com idade entre 15 e 30 anos, cinco aluno com idade entre 31 a 60 anos, e uma aluna com mais de 60 anos), gênero (11 são do gênero feminino e oito são do gênero masculino) e cor (11 declararam ser pardos, sete disseram ser preto e apenas uma afirmou ser branca), foi possível enxergar também como há uma diversidade de conhecimentos e habilidades de aprendizado dentro da sala de aula da EJA Externa do CCMG (dados que não é possível ser mensurável). A uni docência é um problema, tanto para os alunos quanto para o professor, tendo o primeiro, o desafio de superar as dificuldades da vida e do aprendizado, já o segundo, o desafio em lecionar um grande número de disciplinas para uma enorme diversidade de alunos. Com isso, é possível compreender que há uma limitação na forma de trabalho dentro da sala de aula nas turmas da EJA de uni docência e que o fator tempo/carga horária também contribui para aumentar essa dificuldade dos professores em passar todas as disciplinas e dos alunos em aprender. Com isso, é possível observar que a dificuldade maior em acompanhar as disciplinas da EJA nas turmas de uni docência concentra-se nos alunos adultos e idosos, sendo este, um dos fatores que contribui para desmotivação dos alunos, adultos e idosos, com os estudos.

Prosseguindo na avaliação da desmotivação, compreendendo o motivo dos “*Jovens se perguntarem onde devem estar e onde querem estar*”, foi possível avaliar que as diferenças e os possíveis conflitos dentro da sala de aula da EJA Externa do CCMG não desmotivam os jovens a estudar. Porém, fatores externos a sala de aula, tais como problemas familiares,

emprego, relacionamentos conjugais, gravidez e a falta de motivação, influenciam diretamente na permanência deles nos estudos.

Ao especificar as semelhanças e diferenças vividas pelos jovens, primando especificamente a diferença entre os gêneros, “*Vejo jovens/Jovens do reggae, do samba, do baile, do funk/ Dos diversos tipos de rolê/ Dos paranauê, do amanhecer e do entardecer/ Da favela, da aquarela, da passarela e de todo lugar.*” As semelhanças observadas entre os jovens da EJA Externa demonstra como as meninas e os meninos possuem gostos bem parecidos quanto às músicas e com o que eles gostam de gastar dinheiro. Fãs de funk, MTG, Hungria, gospel, raça negra, samba, sertanejo, racionais, legião urbana, forró, poesia acústica e pagode, os jovens da EJA Externa do CCMG preferem gastar dinheiro como roupa, comida, dívidas e sapatos. Conforme Leão (2007), seus comportamentos contribuem para a construção e valorização do ambiente em que vivem e em especial, do ambiente escolar, produzindo experiências que são prazerosas para sua formação enquanto cidadão.

Por isso, ao desenvolver a atividade da semelhança com eles, foi possível aproximá-los ainda mais das outras pessoas com quem ainda não haviam tido o convívio, promovendo com isso, um bom convívio entre eles. Incorporar aos jovens conceitos e compreensões do que eles são e representam na sociedade, conduz aos mesmos à ciência do que aprendem em sala de aula e no que utilizarão na vida. Além disso, até os adultos conseguiram enxergar que, todos eles foram jovens algum dia, e que aquilo que os jovens de hoje, representam e são, refletem eles quando jovens.

Quanto as suas diferenças, foi possível observar que as meninas demandam mais tempo para efetivar as atividades e os meninos são mais rápidos e objetivos. Elas possuem mais hábitos de ficar dentro de casa, uma vez que todas, quando tem o tempo livre, preferem dormir ou ler, já eles, que devem ter uma rotina mais movimentada, quando estão com o tempo livre, possuem hábitos externos, e preferem executar atividades de lazer. Segundo Nogueira e D’Andrea (2014), o que se observa é um bombardeio pela mídia de mensagens que alimenta e estereotipa o masculino e o feminino, o que reafirma o preconceito e as desigualdades. E o que se observa é uma hierarquia dos padrões culturais, e a concepção de que um é representado negativamente pelo outro. Os opostos entre homens e mulheres revelam uma polaridade que eleva o masculino ao prestígio e ao poder enquanto às mulheres se oferta características que são desvalorizadas tradicionalmente. “Ao longo da história, diferentes comportamentos e posturas foram tidos como adequados ou esperados de homens ou mulheres. Algumas justificativas para essas expectativas baseiam, exclusivamente, em questões biológicas.” (NOGUEIRA, D’ANDREA, 2014, p. 16).

As diferenças e semelhanças ajudam a construir o ambiente de sala de aula propício a novas descobertas e interações, e tudo isso colabora para a não rotulação de seus membros. Contudo, a geração juvenil traz, além das diferenças e semelhanças, cicatrizes que são marcadas pelos problemas sociais e que interferem diretamente no desenvolvimento dessas juventudes. A maioria desses jovens são rotulados pela sociedade capitalista e meritocrática, que os definem como mãos de obras e seres a serem consumidores, não compreendendo realmente a realidade que perpassa suas origens e sonhos (MIZUKAMI, 1986).

Com isso, ao analisar como os jovens da EJA Externa do CCMG se constroem como sujeitos da contemporaneidade, é possível concluir que, trabalhar com juventudes exige flexibilidade e dinamicidade. Ao construir aulas que agradem tanto jovens quanto adultos, o professor unidocente da EJA precisa ser capaz de compreender o grau de dificuldade de cada indivíduo uma vez que a desmotivação, principalmente dos alunos mais velhos (os adultos), ocorre devido sua dificuldade em aprender. É mensurável que, tanto os jovens quanto os alunos mais velhos da sala não vêem a diferença de idade como empecilho para seus estudos, contudo, o desafio principal em “lidar com essa diversidade” esta nas mãos do professor. Porém, fatores externos a sala de aula, que remete à vida de cada aluno da EJA, interfere diretamente na sua permanência nos estudos, até a conclusão.

A modernidade se desenha em: quanto mais você tem, mais sucedido e bem visto na sociedade você é. A disseminação de que a meritocracia constrói cidadãos de bem e quem está à margem, ou seja, o indivíduo que não alcançou o sucesso desejado, que não possui bens, mora em periferia, é negro e estudante da EJA, traduz que eles não estão preparados para ser alguém nessa sociedade meritocrática. Contudo, ao entrevistar cada estudante foi possível perceber sonhos e desejos, e como todos se sentiam motivados a recuperar o “tempo perdido”, mostrando para si próprio que sim, “eles podem ser alguém”.

“É claro que os jovens são os que causam mais problemas e que não possuem interesse em aprender nas aulas”. Essa era a visão da Kyanne antes de realizar esse estudo. Hoje, percebo que, há motivos significantes que fazem os jovens serem indecisos e desmotivados (e confesso que eu mesma passei por esse processo). É uma parcela enorme do motivo dos jovens serem indecisos e desmotivados, recaí a nós, que trabalhamos na educação, a medida que rejeitamos o Hudson de estudar na escola perto da sua casa pelo fato de ele ser indisciplinado, contudo, não compreendemos as dificuldades e como é a sua vida. Ou até mesmo o Adrian, que parou de estudar por falta de incentivo familiar e nós não o orientamos no que precisava. Tem também o Gabriel, que foi compulsoriamente (obrigado) a ir pra EJA porque não tinha mais opção de estudar na escola dita “regular” devido ao excesso de reprovações (todas suas reprovações foram fundadas nas políticas públicas), mas não

buscamos compreender quais eram suas dificuldades e como deveríamos ajudá-lo. Não podemos esquecer-nos da Laila, a única aluna que se declarou branca na turma e disse que abandonou seus estudos “por vontade própria”, mas certamente não teve incentivo para permanecer.

Todos esses jovens são contemporâneos à medida que preservam suas identidades e singularidades, buscando se fazer presentes na sociedade e, cotidianamente escutam seu funk e pagode, vestem suas roupas da moda ou saem cedo para ir trabalhar. Cada um busca seu jeito de ser na modernidade, sendo alimentados pela mídia e sociedade capitalista a compreender que consumismo e a meritocracia fazem parte do processo de formação pessoal e que a educação é o único instrumento capaz de proporcionar a ascensão social. O pior de tudo é que nós, educadores, alimentamos esse padrão econômico de viver no mundo, contudo, não podemos esquecer que, o real papel da educação, não é mudar o que esse jovem é (sua identidade, sua forma de ser), mas sim, construir neles no que eles podem ser melhores do que já são.

O objetivo, portanto, foi traduzir tudo aquilo que eles representam na sociedade em contemporaneidade, o que significa ir além do que pregam como rotulo e padrão. Portanto, eles precisam compreender o real papel da juventude na sociedade, praticar a cidadania e discutir suas realidades. Compreender que eles não estão aqui meramente de passagem, e que as aulas que eles aprendem vão além de regras de aprendizagem. Precisa sim ter um motivo que eles se identifiquem e lhes permita vestir a camisa de “pertencer” a sociedade e não apenas “ser” a sociedade. E que o sucesso que tanto almejam na vida, será revertido em cidadãos que critiquem a modernidade.

REFERENCIAS

ARROYO, González Miguel. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** Diálogos na educação de jovens e adultos - 2 ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BATEMAN, Thomas S. SNEEL, Scoot A. **Administração** – 2 ed. – Porto Alegre: AMGH, 2012.

CAPORALI, Renato. **Ética e Educação.** Educação em diálogo – vol..1 – Gryphus, 2011.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia** – 13 ed., 2 impr. – São Paulo: Ática, 2004.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Juventude e a Educação de Jovens e Adultos: Reflexões iniciais** Novos sujeitos. 2 ed., 1 reimp. p. 53-67, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Educação de Jovens e Adultos: a questão racial.** Diálogos na educação de jovens e adultos - 2 ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEAL, Maristela Pereira. **As inter-relações entre discriminação racial, de gênero e exclusão social na trajetória de mulheres negras da EJA.** (2017) Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CEUB_bc2683e668e10b47c32940dd611161ed> Acesso em: 19 dez. 2018.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Políticas de juventude e educação de jovens e adultos: tecendo diálogos a partir dos sujeitos.** 2 ed., 1 reimp. p. 69-82, Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOLL, Jaqueline. **Educação de Jovens e Adultos.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

MONTEIRO, Joana da Costa Martins. **Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho.** Texto de discussão nº34. FGV-IBRE, set 2013.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; D'ANDREA, Anna Claudia Eutrópio B. **Juventudes, Sexualidades e Relações de Gênero.** Cadernos temáticos: Juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

SILVA, Ranússia Pereira; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. **Educação da Juventude no Brasil, Diretrizes e as Políticas Públicas para a EJA.** 8º encontro internacional de formação de professores, v. 11, n.1, 2018.

TILLMANN, Eduardo; COMIM, Flavio. **Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração Nem-Nem.** Pesquisa e Planejamento Econômico, v.46, n.2, ago. 2016.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

- 1) Nome: _____ (não obrigatório)
- 2) Sexo: Feminino () Masculino ()
- 3) Idade: 15 a 18 () 19 a 30 () 31 a 45 () 46 a 60 () Acima de 60 ()
- 4) Você se considera qual cor? () Amarela () Branca () Indígena () Parda () Preta
- 5) Qual o motivo por frequentar a EJA?
- () Não teve oportunidades para estudar
 - () O horário para estudar
 - () Outros: _____
- 6) Trabalha? SIM () NÃO () Se sim, com quantos anos começou a trabalhar? _____
- 7) Você já estudou antes? SIM () NÃO ()
- a) Se sim, cursou até qual série? _____
 - b) Por qual motivo abandonou os estudos?
- () Trabalho
 - () Gravidez
 - () Falta de incentivo familiar
 - () Outros motivos: _____ (deixe o motivo)
- 8) Dentro de sala de aula, sua convivência maior são com os jovens ou os mais velhos?
- () Jovens
 - () Mais velhos
- a) Qual o motivo por sua preferência?
- () Idade
 - () Pensamentos sobre a vida
 - () Conhecimentos sobre as disciplinas
 - () Outros: _____
- 9) Quais dos fatores a seguir podem te desmotivar com os estudos na EJA?
- () Intrigas e discussões dentro da sala de aula
 - () As conversas e brincadeiras paralelas dentro da sala de aula
 - () Não me desmotivaria

() Outros: _____

10) Os atritos que ocorrem na sala de aula te desmotivaria nos estudos?

() SIM () NÃO Por que? _____

11) Já desistiu da EJA por algum motivo?

SIM () NÃO () Por que? _____

12) Após concluir a EJA, você se sente preparado(a) para o mercado de trabalho/mundo/sociedade?

SIM () NÃO () Por que? _____

13) Você se sente jovem? SIM () NÃO ()

ANEXO II

Tu já é, irmão!
(Isabella Christi)

Hey, você, jovem?!
 Chama Ele! Esse aí do lado... e do outro e aquele outro também!
 Isso! Agora vejo...Jovens.
 Vejo rostos, diferentes...
 Sonhos, histórias, emoções, inspirações...
 Vejo 1, 2, 10, 20, enfim, uma pequena amostra de seres que revelam a Juventude
 Ou melhor, as Juventudes
 No plural

Vejo jovens
 Jovens do reggae, do samba, do baile, do funk
 Dos diversos tipos de rolê,
 Dos paranauê, do amanhecer e do entardecer,
 Da favela, da aquerela, da passarela, e de todo lugar.

Jovens que se perguntam onde devem estar e onde querem estar.
 E ai se vê a tal da inquietude
 Percebida logo pelo excesso de atitude ou pelo anseio de todos em querer ver a nossa ação
 Mas logo se vê que falam muito da nossa missão, mas não acreditam que nossa visão pode de fato contribuir para o tão
 falado futuro da nação.

Somos cobrados, mas ao mesmo tempo estereotipados.
 Já se falavam que as coisas de criança ficaram para trás e ai chega um momento da vida em que precisamos já nos estampar
 de adulto e agora agir, pra ser...
 Ser alguém na vida
 Ter uma maturidade que na real não é conquistada com a idade

Ou, a gente rala também,
 Pra pegar um busão e ir pra
 aula
 Tendo que ter muita calma pra não perder a noção e se esbarrar em um problemão
 Saimocedo de casa e vamo pro trampo
 No metrô lotado, em um mundão com muita descrença e cheio gente irritado
 Gente que precisa de uns trocado, e de ralar um bucado pra se pertencer em uma cidadania comprada, em uma moral
 falsificada e em uma realidade de ter coisas para se pertencer

Desde sempre precisamos pensar no que queremos ser ao
 crescer E quando a gente cresce não é assim que a parada
 acontece
 Ficamos em meio a um turbilhão de acontecimentos, pensamentos e sentimentos

Estou aqui diante de uma Juventude que cresce
 Que vive, que trabalha, que ama, que sonha, que sofre, que vive e que infelizmente morre
 Tamo dizendo da inquietude que lhe permite mover, mas que ao mesmo tempo nos faz
 sofrer De ansiedade, por ter que ser alguém

O que será do futuro?
 Qual é o motivo dessa vida em meio a isso tudo?
 Anseiamos por um futuro que não sabemos como
 será

Nos perguntamos, quase que o tempo todo, “qual é o sentido da vida?”
 Mas já respondemos pra nos mesmo em forma de outra duvida sobre “qual é motivo de viver sem ter motivo?”

E talvez essa última dúvida faça todo o sentido da vida
 Viver e simplesmente sentir
 Viver e até demaisiar em ajudar e lutar pela outro e por si

Sobreviver em tempos de espera
 Precisando talvez de um pouco de dança para sintonizar a esperança

Então, pega a tua inquietude e a transforma em atitude
 Carrega tua esperança e bota junto com tua luta e vai, só
 vai Porque tu não vai ser alguém na vida não...
 Tu já é, irmão!